

Entrevista
Cazarré,
escritor premiado

ver L E T U R A S

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL
Ano II

SUPLEMENTO CULTURAL
Brasília, 23 de março de 1995



Agitando
MP.95
o meio
cultural

MPB no compasso da política

□ Renato Vivacqua

A MPB sempre esteve atenta aos fatos e vultos de nossa política, seja através de músicas ufanistas, com louvaminhas às supostas virtudes dos protagonistas, num sabujismo irritante, seja através de críticas bem-humoradas. No carnaval de 1919, o maestro Costa Junior já dava sua ferroadada, obtendo grande sucesso com "No bico da chaleira", que vivava os seguidores de Pílhô Machado. Estes viviam queimando os dedos na chaleira de chimarrão, ao disputarem o privilégio de servir o senador gaúcho:

"Iaiá me deixa subir nesta ladeira/ Eu sou do bloco que pega na chaleira."

O tema retorna em 1946, com enorme repercussão na marcha "Cordão dos puxa-sacos", mostrando

que os reverentes continuavam atuantes:

"Lá vem o cordão dos puxa-sacos/ Dando viva aos seus maiores/ Quem está na frente é passado pra trás/ E o cordão dos puxa-sacos/ Cada vez aumenta mais. Vossa excelência, Vossa Eminência/ Quanta reverência nos cordões eleitorais/..."

O Marechal Hermes, cujo apelido era Dudu e tinha fama de pé-frio, foi um prato cheio para lambadas sonoras. Em 1911, J. Bulhões não o poupou na polca "Oh Filomena":

"Ó Filomena/ Se eu fosse como tu/ Tirava a urucubaca/ Da Careca do Dudu."

Rui Barbosa foi derrotado em 1919 por Epitácio Pessoa. O notável sambista Sinhô, sabe-se lá por que, no ano seguinte resolveu acicatar o já desalentado Rui, em "Fala meu louro":

"A Bahia não dá mais

coco/ Pra botar na tapioca/ Pra fazer o bom mingau/ Pra embrulhar o carioca/.

Artur Bernardes, candidato vitorioso à sucessão de Epitácio, era chamado de Rolinha e Seu Mé. Freire Júnior e Careca desancaram-no na marcha "Ai Seu Mé":

"Ai Seu Mé, Ai Seu Mé/ Lá no Palácio das Águias/ Não hás de pôr o pé."

O Palácio das Águias era o Catete. Bernardes pôs o pé lá e mandou trancafiar os autores. Em 1926 elegeu-se Washington Luiz. Sá Pereira deu sua puxadinha no carnaval de 1927 com

"Paulista de Macaé", trazendo de volta a pisada no palácio:

"Paulista de Macaé/ O homem de fato é/ E no palácio das Águias/ Com o povo ele pôs os pés".

Sem dúvida alguma o político mais bajulado foi Getúlio Vargas.

Em 31, Lamartine Babo cantava loas à chegada de Getúlio em "O Barbado foi-se", alusão à queda de Washington Luiz:

"De sul a norte/ Todos viram a intrepidez/ De um Brasil heróico e forte/ A raiar num dia três.../ Doutor Barbado/ Foi-se embora/ Deu o fora/ Não volta mais."

No mesmo ano Freire Júnior, agora mais precavido, surge com "Seu Getúlio Vem":

"Oh seu Getúlio vem/ Oh seu Getúlio vem/ Lá no Catete só ele nos convém".

Lamartine parece ter se arvorado realmente em porta-voz musical de Getúlio. Ainda em 1931 compôs "G-E-GÊ".

"G-E-GÊ — gê-gê/ T-U-tu-tu/ L-i-Li, o/ Ge-tú-lio".

Em 46, Aaulfo Alves, que com Getúlio no poder fizera vários sambas ufanistas, logo que este caiu, virou casaca e lançou "Isto é o que nós queremos". Contestando o período ditatorial:

"Nós queremos nossa li-



Apoio às manifestações populares

O Turismo é uma das principais atividades econômicas da sociedade moderna, principalmente quando baseado nas manifestações populares passadas de geração a geração. O apoio e o incentivo a estas manifestações populares é uma de nossas principais bandeiras de luta.

Não apenas por ter as minhas origens em Planaltina entendo que aquela histórica Cidade deva ser o principal celeiro turístico do Distrito Federal. Ali sem nenhum demérito às demais regiões, o povo tem história e traz no sangue o espírito das festas populares, como a Folia do Divino, a Folia de Reis, manifestações de

outras religiões evangélicas, a cultura mística do Vale do Amanhecer e concorrida encenação da Via Sacra ao Vivo por ocasião da Semana Santa, presenciada anualmente por mais de 200.000 (duzentos mil) pessoas.

Neste propósito, já apresentei proposições à Câmara Legislativa

reivindicando providências ao Poder Executivo para criação do Pólo Turístico de Planaltina e a construção da Casa da Cultura daquela Cidade, bem como estou desenvolvendo estudos sobre a potencialidade turística da Região para embasar os novos trabalhos.



Daniel Marques

PP

berdade/ Liberdade de pensar e falar/ Nós queremos escolas para nossos filhos/ E mais casas pro povo morar”.

Quase cinquenta anos depois o quadro é o mesmo. Lamentável, mas sigamos adiante. Dutra sucedeu Getúlio e na pasmação de seu governo nem músicas contra ou a favor. Em 50 retorna Getúlio. Alberto Ribeiro e José Maria de Abreu criam a marcha “João Paulino” (nome de um boneco também conhecido como João Teimoso”, que por mais que se tente derrubá-lo mantém-se de pé).

“Gorduchinho, pequeno, quase calvo/ Desta vez eu acertei no alvo/ João Paulino que balança mas não cai/ Eu sou pobre, pobre, pobre/ E ele é meu pai.”

Jorge Goulart tonitruava, no mesmo ano, a marchinha de João de Barros e José Maria de Abreu, “Ai Gegê”.

“Ai Gegê. Ai Gegê./ Ai Gegê./ Que saudade que nós temos de você...”

O carnaval de 1951 foi só louvação. De Roberto Roberti e Arlindo Marques Jr., “O Pequenininho é o maior.”

“O pequenininho é o maior/ Vai, vai ser melhor/ O pequenininho é e sempre foi o maior.”

Em 1954 os mesmos au-



tores voltaram a lisonjear:

“O Brasil tem muito doutor/ Muito funcionário, muita professora/ Se eu fosse o Getúlio mandava/ Metade dessa gente pra lavoura.”

Claribalte Passos e Antonio Valentim também vergaram a espinha:

“Gegê, Gegê/ Tá todo mundo/ Esperando por você.”

E continua a puxação. “O Baixinho voltou”, de Oliveira:

“Segure iaiá na mão de ioiô/ Vamos pular e cantar/ Porque o Baixinho voltou.”

O maior sucesso porém foi “Retrato do Velho” de Haroldo Lobo e Marino

Pinto, gravado por Francisco Alves:

“Bota o retrato do velho outra vez/ Bota no mesmo lugar/ O sorriso do velho/ Faz a gente trabalhar.”

Depois do suicídio, silêncio até 1956 quando foi tema do samba-enredo da Mangueira. Em 1955 entra Juscelino em cena. Juca Chaves o chama “Presidente Bossa-Nova”:

“Bossa-nova mesmo é ser Presidente/ Desta terra

descoberta por Cabral/ Pra tanto basta ser, tão simplesmente/ simpático, risosinho, original.”

Miguel Gustavo se queixava:

“Dá um jeito nele Nonô/ Meu dinheiro não tem valor/ Meu cruzeiro vale nada/ Já não dá nem pra cocada.”

A música é de 59 mas podia viajar no tempo a aterrissar hoje. A ânsia de agradar leva a capachadas insólitas. Vejam como Ruy Almeida elogia Ademar de Barros:

“Mantimentos, minha gente/ Hospitais e condução/ Ademar tirou patente/ Salve, salve o GOSTOSÃO.”

Um samba-enredo de Jorginho de Bonsucesso em 1982 chamou o Presidente Figueiredo de “Rei da Democracia” (Cruzes!)

“Do gari ao engenheiro/ Todos têm seus ideais/ Figueiredo/ Apóia todas as classes sociais/ Figueiredo, rei da democracia.”

Beduíno e Roberto Amaral badalaram a utópica Paulipetro:

“Bota a sonda no buraco/ Que o petróleo vai jorrar/ Nossa terra tem tudo/ Seu Maluf vai provar.”

Brizola e Jango entraram na marchinha-legal de Luiz de França:

“É lei. É lei. Diz o candangô/ Mais uma vez queremos Jango./ Não adianta

Pólo Fonográfico no DF



Miquéias Paz

PC do B

Entre os nove projetos propostos à Câmara pelo deputado Miquéias Paz nessas três primeiras quinzenas de legislatura, encontra-se o do Pólo Fonográfico do DF.

A idéia do Pólo parte de uma constatação: o Distrito Federal, rico em música, tem exportado artistas que, se permanecem por aqui, não encontram condições adequadas à carreira. Nota-se que, chegado ao estágio do disco, o cantor, compositor ou

instrumentista cala-se ou muda-se para São Paulo. Mesmo para distribuir o produto de sua arte localmente, o músico sem acesso à grande mídia encontrará dificuldades. O Pólo pretende mudar esse quadro. Percebe-se que, acima dos provincianismos ou contra eles, existe interesse do público pelo que se faz no DF. Constata-se ainda que Brasília conta com estúdios tecnicamente atualizados,

onde se gravam algumas das fitas destinadas a transformar-se em discos.

Orquestrando condições pré-existentes, o Pólo deve providenciar recursos jurídicos e, mais tarde, físicos para que os sons da cidade possam bailar, como devem, nas ondas de rádio locais. E para que possam exportar-se — sem que a migração signifique perda para o DF. Os instrumentos de que se pode servir são, por exemplo,

linhas de crédito bancário a juros mais baixos que o de mercado para as produções musicais; estímulos fiscais aos que atuam na área; financiamento parcial de trabalhos pela Secretaria de Cultura. Caberá pensar, depois, em sede física onde se reúnam diversos estúdios, ligados a outras áreas da produção artística, como o teatro e o cinema. As reuniões sobre o Pólo, convocadas por Miquéias Paz, têm sido públicas e abertas.

fazer marola/ Esta é a vez da mocidade/ Estamos com Brizola/ A Bandeira da Legalidade."

Jânio Quadros, antes das "forças ocultas" foi prestigiado, como na "Marcha da Vassoura" de Haroldo Lobo e Carlos Marques:

"Saindo JK/ Entrando JQ/ Pessoal/ A vassoura vai comer."

Ciro de Souza e Pereira Matos também abordaram o símbolo, que infelizmente varreu o Brasil para baixo do tapete.

"Varre, varre, vassourinha/ Deixa minha casa bem limpinha/ Tá faltando um quadro/ No palacete do Catete."

Em certos momentos o eleitor já desencantado com a política e a situação social, se vingava, protestando nas urnas através de candidatos bizarros. Recentemente assim o fez com as muriçocas de Vila Velha, no Espírito Santo, e o macaco Tião no Rio. Nossos criativos compositores estavam atentos. Juruna é outro exemplo. Walter Levita canta:

"Juruna falou/ Vai ser pra valer/ Índio não quer mais apito/ Índio agora quer poder."

No interior de Pernambuco o bode Cheiroso eleger-se vereador e Elias Soares e M. Fernandes não escondem o espanto:

"Olhe como é que pode/ Me diga seu doutô/ Um diabo dum bode/ Sê vereadô/ Foi na eleição de Jaboatão/ Que o bode Cheiroso/ Na hora da apuração/ Teve a maiô votação."

Repercussão mesmo teve o rinoceronte Cacareco. Uma turma de jornalistas depois de umas e muitas no Hotel Jaraguá, em São Paulo, saiu de madrugada

pichando os muros com propaganda do bicho. Não deu outra, obteve 120 mil votos e roubou nove cadeiras a Ademar na Câmara de Vereadores. Isso foi em 1969. Serviu de bandeja aos poetas populares:

"Está faltando carne/ Está faltando pão/ Criança

sem escola/ É triste a situação/ A queixa deste povo não encontra eco/ E foi eleito o Cacareco", de Roggieri e Ivando Luiz. "Não há leite, não há carne, não há pão/ Minha gente não faça confusão:/ Troque a vassoura por pandeiro e reco-reco/ E vá votar no Cacareco.", de Saulo Gomes.

"Tô, tô ficando ca-ca-

re-ca/ Só de pensar nesse treco/ Como que o povo elegeu/ O rinoceronte Cacareco", de Mesina.

A mosca azul da política volta e meia pica alguém do meio artístico musical. Em passado recente temos os exemplos de Moacir Franco, Agnaldo Timóteo e Gilberto Gil, que estranhamente emudeceram na nova atividade. Não conseguiram dançar conforme a música, faltou ginga. Mas e o inverso? Os vãos dos políticos pela MPB? Cito alguns exemplos: Carlos Lacerda tentou. Com Caymmi e Jorge Amado compôs um samba que começava assim: "Aqui os teus passos pela estrada/ O teu corpo nos meus braços/ Nossos passos pela estrada/ Nossos beijos pela noite... "Janio Quadros com Rossini Pinto foi autor de "Convite ao Amor" que chegou a ser gravada:

"Veja, veja querida/ Quanta estrela fulgurando no céu/ E conta cada qual a estrela bela/ De um amor como o meu."

A MPB agradece a retirada deles de suas hostes. Esperamos que os políticos-artistas desafinem apenas na tribuna e os artistas-políticos metam a vida no saco e permaneçam apenas vendo a banda passar.

□ Renato Vivacqua é historiador da MPB



Estímulo à Cultura

A democrartização da cultura, apesar de ser uma bandeira da coletividade e uma unanimidade entre os poderes constituídos, nunca conseguiu ultrapassar as barreiras da retórica. Ora pela esterilidade dos debates propostos, ora pela incapacidade de o Estado e a comunidade a estabelecerem como prioridade. Hoje, entretanto, com o relançamento do

DF-Letras, mais um passo é dado no sentido de fazer prática tudo aquilo que permanece confinado no discurso.

A decisão de se levar o suplemento cultural da Câmara Legislativa à rede pública de ensino é um desses raros momentos que merecem registro.

Principalmente pelo fato de representar uma ação que

une uma Casa pública, o Poder Legislativo, e a comunidade cultural. Por si só um espaço precioso de manifestação, o **DF-Letras** reveste-se, agora, do papel de disseminador e formador cultural.

Em meio aos titubeios naturais das diretrizes de educação e cultura, o suplemento assume uma posição de vanguarda e supre uma lacuna sempre criticada

pelos educadores. Além de se constituir em um espaço às artes, a publicação tem, agora, por opção, a responsabilidade de estimular a prática cultural junto aos jovens. Uma atitude que leva o pensamento de uma elite cultural a quem, nesse momento, está desbravando o mundo dos valores e do conhecimento.



Benício Tavares
PP